

O jogo do signo: Derrida leitor de Saussure

Adriano Negris⁴⁰

Resumo

O objetivo do presente artigo é compreender alguns pontos da leitura realizada pelo filósofo Jacques Derrida acerca da teoria do signo, elaborada pelo linguista Ferdinand de Saussure no *Curso de Linguística Geral*. Inicialmente verificaremos em que sentido a teoria de Saussure avança em relação a concepção tradicional de signo. Posteriormente, acompanharemos como Derrida realiza a leitura do conceito de signo em Saussure para, enfim, entender como o filósofo francês irá desconstruir a ideia de signo, deslocando-o do registro da tradição metafísica. Com a proposta deste trabalho buscamos uma melhor percepção do acontecimento da desconstrução, que assume singular importância no cenário ético-político mundial.

Palavras-chave: Signo; Derrida; Saussure; Desconstrução.

Résumé

L'objectif de cet article est de comprendre quelques points de la lecture effectuée par le philosophe Jacques Derrida sur la théorie du signe, élaborée par le linguiste Ferdinand de Saussure dans le *Cours de Linguistique Générale*. Nous vérifierons dans un premier temps en quel sens la théorie de Saussure avance par rapport à la conception traditionnelle des signes. Après, nous suivrons comment Derrida lit la notion de signe chez Saussure pour, enfin, comprendre comment le philosophe français va déconstruire l'idée de signe, la déplaçant du registre de la tradition métaphysique. Avec la proposition de ce travail, nous cherchons une meilleure perception de l'événement de déconstruction, qui revêt une importance singulière dans le scénario éthique-politique mondial.

Mots-clés: Signe; Derrida; Saussure; Déconstruction.

Introdução

Nas primeiras linhas da obra *Gramatologia*, publicada no ano de 1967, o filósofo Jacques Derrida adverte ao leitor sobre a existência de um problema que perpassa o âmbito da linguagem. Derrida identifica uma espécie de inflação da palavra linguagem. Dentro de um contexto mundial, considerando as mais variadas pesquisas e discursos, tudo se resume à linguagem. Nesse cenário onde tudo vira um “caso de linguagem”, o filósofo franco-magrebino verificará a incidência de um duplo fenômeno: a inflação do conceito de linguagem e a crise que lhe é correlata. Derrida denuncia uma desvalorização da palavra *linguagem*, decorrente de uma inflação do signo “linguagem”, que consiste na inflação do próprio signo. Como consequência da inflação, a crise. Essa crise se deixar notar pelo transbordamento dos limites

⁴⁰ Doutor em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Professor Adjunto do Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores – FFP/UERJ. E-mail: adrianonegris@gmail.com.

da linguagem. Como consequência desse transbordamento, verifica-se o apagamento dos contornos e limites que a definem a própria linguagem.

Contudo, os apontamentos dessa crise da linguagem – que ainda persiste em nossos dias – quase não deixa transparecer um importante deslocamento. Nesse sentido, o que de forma lenta e sorrateira vai se desdobrando é um duplo movimento: a desmontagem da estrutura tradicional da linguagem (herdeira de Platão e Aristóteles) e o deslocamento da noção de escritura, que se despiria de sua roupagem metafísica para designar uma espécie de jogo que, segundo Derrida, ultrapassaria a extensão da linguagem (DERRIDA, 2008, p. 08).

Na *Gramatologia* Derrida menciona o fato de que o conceito de escritura começa a ultrapassar a extensão da linguagem, já que a escritura estaria deixando de designar a película exterior, o duplo inconsciente de um significante maior, o *significante do significante* (DERRIDA, 2008, p. 8). Para entender esse movimento, antes de tudo é preciso ter em mente que dentro do âmbito da história da filosofia a linguagem é estruturada a partir de um privilégio da *phoné* (palavra falada), significante primordial dado à sua ligação essencial ao significado⁴¹. Nessa estrutura da linguagem, a *phoné* coloca a escritura à sua sombra, relegando-a à condição de significante menor, suplemento perigo, uma simples cópia de um significante maior.

Nesse sentido, a linguagem garantiu sua hegemonia e agigantamento por meio da constante repressão da escritura. É dizer que a linguagem, que reproduz todos os pressupostos metafísicos, enclausurou a escritura colocando-a com um simples suplemento perigoso da linguagem falada. A escritura seria o suplemento que poderia deformar, desviar ou danificar o caráter puro da voz, que devido a sua proximidade com o pensamento, o sentido, o significado. Segundo Derrida, esse processo de recalçamento da escrita e seu caráter secundário são os elementos que possibilitarão a desconstrução do conceito de signo – elemento central da linguística de Ferdinand de Saussure.

A participação de Saussure na formação do pensamento estruturalista foi fundamental e não é possível querer mapear o ambiente logocêntrico contemporâneo sem passar por este pensador. De alguma forma, como veremos mais tarde, Saussure aponta para uma libertação da

⁴¹ Lembremos que para Derrida a metafísica colocou a *presença*, designada por *eidōs*, *arché*, *telos*, *energeia*, *ousia* (essência, existência, substância, sujeito), *aletheia* (transcendentalidade, consciência, Deus, homem), como forma matricial do ser como identidade a si. Considerada como ponto de origem, centro e fundamento de toda estrutura, a função da presença – significado transcendental – foi a de sempre orientar, equilibrar e organizar a estrutura do pensamento metafísico. (PUC-RJ, 1976, p. 71) – Ligeiramente modificado.

metafísica, mas, por outro lado, mantém toda a estrutura da metafísica colaborando também para o enclausuramento da escritura.

Para Derrida, como veremos a seguir, Saussure contribuiu de maneira incisiva para realizar um certo desvio do esquema da tradição metafísica, que elege a palavra falada como significante primordial, já que a ele remeteria, em primeiro lugar, a um significado transcendental, sendo este mesmo situado fora da trama dos demais significantes. Entretanto, se por um lado Saussure se destaca da tradição com sua nova teoria sobre o signo (significado-significante), de outro lado, segundo Derrida, o pensamento de Saussure ainda possui um extrato logocêntrico⁴².

Ao tomar em consideração essas anotações preliminares, nosso objetivo inicial é compreender em que sentido a teoria do signo do linguista suíço Ferdinand de Saussure avança em relação a concepção tradicional de signo. Posteriormente, verificaremos como Derrida realiza a leitura do conceito de signo em Saussure para, enfim, entender como o filósofo francês irá desconstruir a ideia de signo, deslocando-o do registro da tradição metafísica. Entendemos que o presente trabalho ganha relevância não só por possibilitar uma melhor percepção do acontecimento da desconstrução, juntamente com a dinâmica de seus operadores, mas, e talvez isto mais importante, servir de aporte para acentuar a importância do pensamento da desconstrução no cenário ético-político mundial.

A teoria dos signos de Saussure

Ferdinand de Saussure, no *Curso de Linguística Geral* (2006), empreende o esforço de elevar a linguística ao patamar de discurso científico. Para tanto, Saussure procura estabelecer o objeto de estudo da linguagem. Ao perseguir esse escopo, o linguista suíço fixa o estudo língua como ponto central para a constituição de uma Linguística enquanto uma ciência autônoma, operando, por exemplo, ao lado da Sociologia e da Psicologia social. Assim, na tentativa de romper com a herança da linguística clássica, Saussure entende a língua como um

⁴² Segundo Derrida o pensamento filosófico ocidental se caracteriza pelo primado do *logos* (*logocentrismo*), bem como pelo *fonocentrismo* (primado da voz) e pelo *etnocentrismo* (regime que estabelece o modelo das línguas fonéticas como estrutura universal de toda língua). Logocentrismo, termo cunhado para apontar o predomínio do *logos* nas sociedades (razão, palavra falada e sua conseqüente apreensão pela escrita, lei da racionalidade de um modo geral). Somos logocêntricos, na medida em que nossas produções são logocêntricas e possuem sentido apenas por serem logocêntricas. (SOLIS, 2010. p. 76).

sistema signos que exprime ideias, sendo certo que a ciência geral que daria conta dos signos e das leis que os regem seria a Semiologia⁴³, a qual a Linguística seria uma parte integrante.

Dentro do conjunto mais amplo da linguagem, a língua estaria inteiramente restrita ao fenômeno psíquico. Isso porque no circuito da fala (processo responsável pela função comunicativa da linguagem) há duas ordens distintas de fenômenos: de um lado o processo psíquico, no qual conceitos são associados a imagens acústicas. De outro lado, um processo puramente fisiológico, pois é o cérebro que transmite aos órgãos da fonação o impulso correlativo a imagem acústica, transformando-o em ondas sonoras que se propagam até o ouvido de um interlocutor⁴⁴.

É importante observar que para Saussure a língua deve ser distinguida da fala. Além disso, deve-se acentuar que os signos linguísticos, apesar da natureza psíquica que lhes é peculiar, não são meras abstrações. A concretude pode ser atestada pelo fato de que o conjunto de signos que constitui uma língua é ratificado pelo consentimento coletivo e a escrita pode perfeitamente fixar os signos em imagens convencionais.

Outro aspecto do pensamento de Saussure que merece ser enfatizado é o seguinte: a ciência que se constitui em torno dos fatos da língua tem como objeto a palavra falada. A palavra escrita, como mera representação da fala, fica à margem do objeto de estudo dessa ciência. Como explica Saussure no *Curso de Linguística Geral* (2006), a língua e a escrita são dois sistemas de signos completamente distintos. A única razão do existir da escrita é sua relação de dependência para com a língua falada. O caráter pernicioso da escrita é desde logo colocado em destaque, pois, segundo Saussure, a palavra escrita se mistura tão intimamente com a palavra falada, da qual é a imagem, que acaba por usurpar-lhe o papel principal. Como leciona Saussure:

Língua e escrita são dois sistemas distintos de signos; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro; o objeto linguístico não se define pela combinação da palavra

⁴³ As mais recentes pesquisas no campo da semiologia e da linguística fundam as suas raízes no pensamento de Saussure. Desse modo, como não poderia deixar de ser, a relevância da obra de Saussure é expressamente reconhecida por Derrida: A maioria das investigações semiológicas ou linguísticas que dominam hoje o campo do pensamento, quer pelos resultados próprios, quer pela função de modelo regulador em que se veem por todo lado reconhecidas, remetem genealógicamente para Saussure, com razão ou sem ela, como seu instituidor comum. Ora, Saussure é antes de mais aquele que colocou o *arbitrário do signo* e o *caráter diferencial* do signo como princípio da semiologia geral, particularmente da linguística (DERRIDA, 1991, p. 41).

⁴⁴ Para acentuar a diferença entre língua e fala, julgamos interessante citar o exemplo de Saussure no seu *Curso*: os órgãos vocais são tão exteriores à língua como os aparelhos elétricos que servem para transcrever o alfabeto Morse são estranhos a esse alfabeto; e a fonação, vale dizer, a execução das imagens acústicas, em nada afeta o sistema em si. Sob esse aspecto, pode-se comparar a língua a uma sinfonia, cuja realidade independe da maneira por que é executada; os erros que podem cometer os músicos que a executam não comprometem em nada tal realidade (SAUSSURE, 2006, p. 26).

escrita e da palavra falada; esta última, por si só, constitui tal objeto. Mas a palavra escrita se mistura tão intimamente com a palavra falada, da qual é a imagem, que acaba por usurpar-lhe o papel principal; terminamos por dar maior importância à representação do signo vocal do que o próprio signo. É como se acreditássemos que, para conhecer uma pessoa, melhor fosse contemplar-lhe a fotografia do que o rosto (SAUSSURE, 2006, p. 34).

Essa dinâmica exposta por Saussure é traduzida em outros termos por Paulo Cesar Duque-Estrada, quando ele aborda a concepção tradicional de escritura:

a um conceito ou objeto ideal qualquer, ou seja, a um *significado*, encontra-se referida uma determinada palavra que, ao ser pronunciada, atua não apenas como o seu respectivo *significante* mas como o seu *significante maior ou mais importante*, já que, enquanto *significante* falado, a palavra se constitui como a estrutura de significação imediatamente próxima da origem, ou seja, do significado. A função da palavra é, ao ser pronunciada, expressar o significado; [...] este *significante maior*, mais importante, porque falado e, deste modo, mais próximo da origem, poderá, eventualmente, ser fixado em uma forma escrita e, assim, atuar como *significante secundário*, já que é agora *significante* do *significante* mais importante ou, como diz Derrida, *significante do significante*. Decorrem dessa condição particular, de *significante* do *significante*, todas as outras características igualmente secundárias atribuídas à escritura a que Derrida se refere [“película exterior, duplo inconsciente de um *significante maior*...”, etc.] e às quais se acrescenta o seu caráter igualmente suspeito e perigoso, já que, com o surgimento de *significantes* escritos, o significado pode se propagar indefinidamente, para além presença e, portanto, da autoridade do querer-dizer daquele que originalmente o proferiu (DUQUE-ESTRADA, 2002, p. 15-16).

Como podemos observar, a noção de signo é extremamente importante na obra de Saussure. Então, nada mais pertinente do que nos perguntarmos: o que é um signo linguístico para Saussure? Segundo o linguista suíço, o signo constitui o nexo entre um conceito (*significado*) e uma imagem acústica (*significante*)⁴⁵. O signo assim seria uma totalidade. Os seus elementos (*significado* e *significante*) estão associados à ordem psíquica, portanto, puramente imaterial ou formal. A função do signo seria a de representação ou referência; isto é: representar algo que está ausente ou, de outra forma, tornar presente aquilo que está ausente. A referência como função do signo anuncia uma dimensão ontológica, tendo em vista que ela representa o ser em sua ausência⁴⁶. O signo além de apontar para a coisa designada, ele indica o *modo* pelo qual essa coisa é designada. O *sentido* (ou significação) é exatamente o modo pelo qual a coisa é referida⁴⁷. O *sentido* e a *fonação* (produção de sons) são elementos ligados à fala

⁴⁵ Nesse ponto é interessante trazer as observações realizadas pela autora Inês Lacerda Araújo. Conforme salienta a autora, o signo não une uma coisa a uma palavra, mas à imagem acústica. Deve-se lembrar, ainda, que a imagem acústica é a impressão do som no psiquismo. Isso mostra-se verdadeiro na medida em que se pode falar consigo mesmo sem pronunciar qualquer som (ouvir-se falar). Com a combinação da imagem acústica associada ao conceito temos o signo (ARAÚJO, 2004, p. 30).

⁴⁶ De modo mais sintético: a função do signo é representar a coisa durante sua ausência. Todavia, para que esta descrição seja plausível, é necessário que isso que está ausente seja o referente, não o significado, sem o qual o signo não funcionaria. *Significante* e *significado* são indissociáveis, separados do referente para representá-lo de longe, sem jamais separar-se dele inteiramente. A unidade do *significante* e do *significado* faz o signo (DERRIDA, BENNINGTON, 1994, p. 27).

⁴⁷ Como explica Rafael Haddock-Lobo, “a função do signo é a de representar a coisa em sua falta, a coisa como referente, como “realidade”, e não a coisa como “sentido”, sem o qual o signo não funcionaria”. Não é por outra

e não a língua, formando o aspecto substancial do signo. Assim sendo, para que o signo cumpra efetivamente seu papel é imprescindível que a intenção de significação atravessasse todo o signo em direção a um referente possível. Importante frisar que a linguística saussureana está interessada na investigação das relações que os signos mantêm entre si no interior de um sistema linguístico. A relação dos signos com toda a ordem exterior a eles é colocada em segundo plano.

Realizadas essas considerações preliminares, partiremos para um breve estudo sobre as propriedades dos signos na teoria de Saussure. Para o objetivo deste trabalho, comentaremos apenas as peculiaridades que julgamos mais importantes, quais sejam: a arbitrariedade do signo, a linearidade do significante e o princípio de diferenciação.

Começamos pela arbitrariedade do signo. No *Curso de Linguística Geral*, Saussure nos explica que “o laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo *linguístico é arbitrário*” (SAUSSURE, 2006, p. 81). Arbitrariedade aqui não deve ser confundida com a liberdade para escolher o emprego deste ou aquele signo simplesmente. A arbitrariedade em Saussure é traduzida pelo fato de que o signo é imotivado, ou seja, o signo não mantém qualquer relação de dependência com fatores exteriores à língua. Dito de maneira mais assertiva, para o autor do *Curso* não há um laço natural entre o signo e a realidade.

A noção de arbitrariedade quebra qualquer dimensão ontológica do signo, uma vez que ele não colheria a pretensão de unir uma coisa a seu nome. Assim, a língua como sistema de signos é independente em relação a qualquer realidade externa. O signo seria apenas a ligação de um significante e um significado. Nesse sentido Saussure explica:

A palavra *arbitrário* requer também uma observação. Não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala (...); queremos dizer que o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade. (SAUSSURE, 2006, p. 83).

Devemos mencionar também que a tradição linguística sempre entendeu o signo através dos ensinamentos aristotélicos⁴⁸, portanto, o significante por sua própria natureza é indiferente

razão que para Saussure o significante é inseparável do significado, mas ambos separados do referente (HADDOCK-LOBO, 2008, p. 57-58).

⁴⁸ As filosofias da linguagem repetiram ao longo da história, de uma maneira ou de outra, aquele esquema estabelecido por Aristóteles, segundo o qual a linguagem seria uma imitação da sucessão de ideias no espírito, sendo as ideias do espírito o correspondente por semelhança da ordem natural das coisas. A linguagem refletiria o pensamento e o pensamento, por sua vez, representaria a realidade. De acordo com Aristóteles (*Livro Da Interpretação*, 16a-24b): Há os sons pronunciados que são símbolos das afecções na alma, e as coisas que se

para significar todos os tipos de ideia. Desse modo, pouco importa qual o som é usado para representar uma ideia no pensamento. De outro lado, o significante representa o elemento contingencial e convencional, já que sua utilização estaria submetida ao acordo entre os membros de uma determinada comunidade linguística.

Na ótica saussureana o signo possui uma radical arbitrariedade, isto é, as duas faces do signo – significado e significante – são arbitrárias uma em relação a outra. Por essa razão Saussure diz que o significante é imotivado, pois ele é arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural. Geoffrey Bennington nos explica melhor essa passagem da seguinte maneira:

Pelo menos se deve reconhecer que não há nenhuma ligação natural de semelhança entre significante e referente [...] e com maior razão entre significante e significado [...]: afirmaríamos portanto que o signo é *arbitrário* ou *imotivado*. Diremos que os signos são instituídos ou convencionais, com a condição de compreender corretamente que “convenção” não pode implicar um momento fundador em que todo mundo estaria reunido para se pôr de acordo sobre os signos. A língua, diz Saussure, é sempre recebida, assim como a lei. [...] Digamos para simplificar que essa repartição tripartite [...] nos oferece a aparência de um reino da idealidade (o significado, o conceito, o inteligível) que toca pelos dois lados um reino da materialidade. Pra cima, em primeira posição, as coisas, o mundo, a realidade; pra baixo, em terceira posição, o significante, o corpo fônico ou gráfico que a linguística sempre pensou, apesar de suas denegações, como sendo aquele de uma *palavra* [...], quando não é essencialmente um nome [...]. Pode-se distribuir os valores de verdade e de ilusão como se queria nesses dois reinos, não se foge ao esquema de base: o signo sempre foi pensado a partir desta distinção entre o sensível e o inteligível, e não pode ser pensado de outra forma [...] (DERRIDA; BENNINGTON, 1994, p. 27-28).

Como já sabemos, os signos são formados pela adição de um significado a um significante. Saussure mostrará que eles comportam uma divisão interna, podendo ser caracterizados entre significantes linguísticos e significantes não-linguísticos. Esses últimos são marcados pela sua natureza visual, enquanto os primeiros são de natureza acústica. Os significantes não-linguísticos (como sinais marítimos, placas de trânsito etc.) podem ser apreendidos de maneira simultânea por meio da visão. Já os significantes linguísticos são expressos pela fala e captados pelo aparelho auditivo. Tendo em vista essa peculiaridade, os significantes linguísticos necessitam desenvolver-se no tempo para que sejam compreendidos, de modo que cada significante é pronunciado um atrás do outro, sucessivamente. A linearidade do significante linguístico não significa outra coisa senão a sua divisibilidade em elementos sucessivos ao longo do tempo. Saussure assim resume o princípio: “O significante, sendo de

escrevem que são os símbolos dos sons pronunciados. E, para comparar, nem a escrita é a mesma para todos, nem os sons pronunciados são os mesmos, embora sejam as afecções da alma – das quais esses são os sinais primeiros – idênticas para todos, e também são precisamente idênticos os objetos de que essas afecções são as imagens (ARISTÓTELES, 2013, p. 3).

natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) *representa uma extensão*, e b) *essa extensão é mensurável numa só dimensão*: é uma linha.” (SAUSSURE, 2006, p. 84).

Acabamos de ver que a arbitrariedade do signo nos indica que a sua existência independente de qualquer realidade exterior. Entretanto, a arbitrariedade pressupõe que elementos do signo possam se autorregular no interior da língua. Essa autogestão da língua é assegurada pelo princípio de diferenciação.

Na perspectiva saussureana, o signo contém uma dimensão formal, sendo forma semântica o significado e a forma fônica o significante. Além disso, há no signo um âmbito substancial, no qual o sentido (significação) seria a substância semântica e a fonação (som) a substância fônica. A pergunta que se faz é: dentro de um sistema linguístico, o aspecto substancial do signo é indiferente aos seus respectivos componentes formais? Existe uma indiferença no emprego de um significante para exprimir determinado significado? Aqui a noção de arbitrariedade do signo é fundamental para responder tais indagações.

Como vimos anteriormente, o signo não mantém nenhuma relação de dependência com a realidade exterior que procura referenciar. No interior do signo, sabemos que o significante (como imagem acústica) tem a propriedade de representar um significado (conceito). A função de significação do signo surgiria da própria união significante-significado. Contudo, cabe lembrar que num sistema linguístico tanto o significante quanto o significado são arbitrários. Com isso queremos dizer que nesse sistema não há significados dados *a priori*, no qual bastaria a mera escolha de determinados significantes para representá-los. A significação, segundo Saussure, só pode ser realizada pela função ou valor que um signo ocupa no sistema linguístico. Mas como esse movimento de valoração ocorre?

De acordo com Saussure, dois fatores são essenciais para se estabelecer o valor de um signo: a) a possibilidade de um significante ser trocado por um significado e b) a comparação de um signo com outros que possa lhe contrapor. Em resumo, o valor é aferido pela capacidade de intercâmbio entre coisas que são dotadas de naturezas distintas e segundo a comparação entre coisas da mesma natureza, mas que integram um mesmo universo.

A conjugação desses fatores demonstra que o signo como integrante de um sistema está simultaneamente revestido de significação como também de valor. Nesse sentido, o valor de uma palavra depende o quanto ela pode ser trocada por uma ideia e, ao mesmo tempo, como

ela se posiciona em relação às demais palavras de uma língua. O exemplo de Saussure pode esclarecer o que acaba de ser dito:

O português *carneiro* ou o francês *mouton* podem ter a mesma significação que o inglês *sheep*, mas não o mesmo valor, isso por várias razões, em particular porque, ao falar de uma porção de carne preparada e servida à mesa, o inglês diz *mutton* e não *sheep*. A diferença de valor entre *sheep* e *mouton* ou *carneiro* se deve a que o primeiro tem a seu lado um segundo termo, o que não ocorre com a palavra francesa ou portuguesa. (SAUSSURE, 2006, p. 134).

Para Saussure, o aspecto conceitual e o material de um signo só podem ser determinados a partir da diferença com os demais signos de um sistema linguístico. Essa é a ideia central do princípio de diferenciação. Na língua não há conceitos, palavras ou sons preexistentes; o vir a existir desses elementos está subordinado ao jogo de diferenças que rege o sistema linguístico. É por essa razão que Saussure afirma que *na língua só existem diferenças* (SAUSSURE, 2006, p. 139).

A conclusão de que na língua só há diferenças requer explicação. Para que possamos enxergar a diferença entre dois objetos, por exemplo, devemos compará-los e subtrair os elementos que lhes são semelhantes. Essa operação pressupõe que as propriedades de cada objeto sejam dadas de antemão para que em seguida se proceda a comparação entre eles. Assim, a diferença é obtida a partir de termos positivos. Entretanto, na língua, o processo de diferenciação ocorre sem termos positivos. Isso ocorre porque a língua não comporta significantes ou significados preexistentes ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes desse sistema. No entanto, dizer que na língua tudo é negativo só é válido quando consideramos separadamente significado e significante, quando tomamos a totalidade do signo, achamo-nos perante uma positividade. Nas palavras de Saussure:

Um sistema linguístico é uma série de diferenças de sons combinadas com uma série de diferenças de ideias; mas essa confrontação de um certo número de signos acústicos com outras tantas divisões feitas na massa do pensamento engendra um sistema de valores; e é tal sistema que constitui o vínculo efetivo entre os elementos fônicos e psíquicos no interior de cada signo. Conquanto o significado e o significante sejam considerados, cada qual à parte, puramente diferenciais e negativos, sua combinação é um fato positivo; é mesmo a única espécie de fatos que a língua comporta, pois o próprio da instituição linguística é justamente manter o paralelismo entre essas duas ordens de diferenças. (SAUSSURE, 2006, p. 139 e 140).

Como tentamos ilustrar, o princípio de diferenciação irá redefinir a língua como um sistema de valores, já que significante e significado valem pelo que se diferenciam dos demais e, ainda, explica a autorregulagem desse sistema e o funcionamento dos signos.

Agora, veremos como Derrida realiza a leitura da teoria dos signos de Saussure, demonstrando que ela se destaca da tradição linguística, mas que ainda permanece presa ao logocentrismo e tributária do pensamento metafísico.

A leitura derridiana sobre o pensamento de Saussure

Neste ponto de nosso trabalho destacaremos algumas notas sobre a crítica de Derrida à teoria dos signos de Saussure. Para tanto, é importante consignar que não intencionamos elaborar um conjunto completo e minucioso sobre o vasto trabalho de Derrida sobre a linguística de Saussure e o logocentrismo. Nesse sentido, apenas ressaltaremos alguns pontos que consideramos relevantes para compreender em que medida o pensamento de Saussure, apesar de se destacar da tradição, ainda se mantém circunscrito ao âmbito metafísico.

Começemos pelos aspectos inovadores do pensamento de Saussure. De início e na maioria das vezes a tradição concebeu o significado como o ponto final de uma cadeia de remetimentos de significantes. Desse modo, toda a ordem de significantes estaria voltada para representação de um significado que, por si só, escaparia a cadeia de significantes. O significado, presente a si mesmo, manteria uma ligação com o significante; porém, o significado preexistiria à sua condição ser referido por um significante. Nesse contexto, o significado seria transcendente a todo e qualquer significante.

De acordo com Derrida, o conceito de signo em Saussure provoca um interdito na ideia de significado transcendental. O signo entendido como uma totalidade só pode cumprir sua função referencial quando concebido na unidade do significado e significante, ou seja, os dois elementos que compõem o signo estão intimamente associados e um reclama o outro. Relembre-se que para Saussure o signo se trata de um único fenômeno com duas perspectivas distintas. Com base nessa estrutura de signo é que Derrida apontará que Saussure, contra a tradição, enfatizou que o significado é inseparável do significante, que o significado e o significante são duas faces de uma única e mesma produção (DERRIDA, 2001b, p. 24).

Saussure também se distancia da tradição devido ao caráter formal do signo, bem como pelo princípio de diferenciação. Convém lembrar que para Saussure a língua não comporta significantes ou significados preexistentes ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes desse sistema. Além disso, significado e significante estão situados na dimensão psíquica, puramente formal. Portanto, o som, elemento material, está contido no interior da fala e excluído da língua. A conjugação desses fatores permite pensar a língua como uma trama de diferenças que abala o estreito vínculo concebido pela tradição

entre significado e sua expressão fonética e, ainda, afasta um suposto substancialismo pertinente ao signo linguístico. É o que Derrida nos diz na seguinte passagem:

Ao sublinhar os caracteres diferencial e formal do funcionamento semiológico, ao mostrar que é “impossível que o som, elemento material, pertença, ele próprio, à língua” e que, “em sua essência ele (o significante linguístico) não é nada fônico; ao de-substancializar ao mesmo tempo o conteúdo significado e a “substância de expressão – que não é mais, pois, por excelência, nem exclusivamente, a fonia –, ao fazer também da linguística uma simples divisão da semiologia geral, Saussure contribui, de maneira decisiva, para fazer voltar contra a tradição metafísica o conceito de signo que lhe havia tomado de empréstimo (DERRIDA, 2001b, p. 24).

Como acabamos de notar, na concepção de Derrida, Saussure insinua um gesto que aparentemente poderia conduzir a uma quebra de paradigma. Na visão de Derrida esse movimento inicial de Saussure representa uma fissura na estrutura do pensamento tradicional. Todavia, a potência da semiologia saussuriana é esvaziada devido à falta de um aprofundamento ou agravamento das premissas iniciais estabelecidas pelo próprio linguista. Tudo ocorre como se Saussure tentasse libertar a linguística da estrutura metafísica, mas, na visão de Derrida, o linguista apenas “ensaia” um gesto libertador.

Desse modo, o “estruturalismo linguístico” de Ferdinand Saussure, segundo Derrida, torna-se um obstáculo para uma crítica da metafísica, contrariando a sua própria proposta inicial:

Deste modo, Saussure acaba por transigir, diz Derrida, “com a exigência clássica daquilo que propus chamar um significado ‘transcendental’, que não remeteria em si mesmo, na sua essência, para nenhum significante, que excederia a cadeia de signos, e que já não funcionaria como... significantes”. Saussure permanece, portanto, solidário ao tradicional sistema metafísico de oposições binárias; o significado reproduzindo o plano inteligível e o significante o plano sensível. (DUQUE-ESTRADA, 2002, p. 22).

Na *Gramatologia* Derrida explica que a linguística pretende ser a ciência da linguagem e que a cientificidade dessa ciência é devida ao seu fundamento fonológico. Assim sendo, a linguagem como campo objetivo de estudos seria determinada essencialmente pela unidade de *phoné*, *glossa* e *logos* (DERRIDA, 2008, p. 36). Nesse estado de coisas, ainda que a sonoridade seja considerada um significante sensível e contingente, certo é que a tradição sempre a considerou como significante privilegiado.

Derrida compreende que Saussure ainda opera conforme o esquema da tradição ao atribuir a escritura uma função estrita e derivada em relação à fala. Isso quer dizer que Saussure possui a ideia de que a linguagem poderia se conservar pura, evitando qualquer contaminação pela escritura. Não é só isso. Saussure ainda restringe a função da escritura à representação da voz, tornando a escritura um significante de um significante primeiro, reproduzindo assim a

definição tradicional de escritura que remonta a Aristóteles. Logo, fazendo com que a escritura seja submetida à voz, Saussure a classifica como uma escritura de tipo fonético. Entendida desse modo, a escritura fonética será sempre o que está fora, uma representação exterior de uma unidade interna (pensamento-som) mais pura e inteligível. Essa determinação representativa da escritura, segundo Derrida, não poderia deixar de refletir um pressuposto metafísico em Saussure.

Além de estar comprometido com a voz, ou seja, com o *logos* falado, o signo saussuriano carregaria a primeira e mais forte característica da metafísica, isto é, o caráter de presencialidade:

Quando falo, não tenho apenas consciência de estar presente naquilo que penso, mas também de manter muito perto do meu pensamento ou do “conceito” um significante que não cai no mundo, que ouço assim que emito, que parece depender da minha pura e livre espontaneidade, não exigir o emprego de nenhum instrumento, de nenhum acessório, de nenhuma força tomada no mundo. Não apenas o significante e o significado parecem se unir, mas, 'nessa confusão, o significante parece se apagar ou se tornar transparente para deixar o conceito se apresentar ele próprio, como aquilo que é, não remetendo a nada mais do que à sua presença. A exterioridade do significante parece reduzida. Naturalmente, essa experiência é um engodo, mas um engodo em cima de cuja necessidade se organizou toda uma estrutura ou toda uma época; em cima dos fundamentos dessa época constituiu-se uma semiologia cujos conceitos e pressupostos fundamentais são muito precisamente identificáveis, de Platão a Husserl passando por Aristóteles. Rousseau, Hegel etc. (DERRIDA, 2001b, p. 28).

Relembremos que para Saussure a língua é um sistema de signos que se destaca da escritura. O próprio Saussure afirma o seguinte: “língua e escrita são dois sistemas distintos de signos; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro” (SAUSSURE, 2006, p. 34). A palavra falada em Saussure tem um especial relevo porque ela representa a unidade do sentido ao som, unidade interna que está intimamente ligada ao pensamento, ao psíquico, e que não recai no âmbito da exterioridade material e contingente. Já a escritura fonética, como mera representação da fala, seria considerada como matéria sensível e exterioridade artificial, configurando como um instrumento imperfeito que por muitas vezes poderia acarretar malefícios à palavra falada.

Até o presente momento, podemos notar que Saussure reproduz as dicotomias conceituais que movem o pensamento metafísico, pois ele, ainda que de maneira inconsciente, restabelece oposições metafísicas, tais como: sensível-inteligível, aparência-essência, dentro-fora, representação-presença. Em resumo, a escritura, simbolizando a ordem do sensível, sempre foi considerada pela tradição ocidental como o corpo e a matéria exteriores ao espírito, ao verbo e ao *logos*.

O sistema de oposições descrito por Derrida (externo/interno, imagem/realidade, representação-presença) estabelece a cientificidade de uma ciência. No discurso científico a representação é condição *sine qua non* para se pensar a “realidade” do objeto de estudo. Porém,

a instauração dessa relação representacional resulta na impossibilidade de se pensar uma diferença simples ou uma exterioridade que não esteja obrigatoriamente presa à estrutura metafísica das oposições aparência-essência, fora-dentro, etc. Essa constatação de Derrida faz com que o discurso de Saussure seja reinscrito na tradição metafísica.

Como aponta Derrida (DERRIDA, 2008, p. 44), a escritura para Saussure “obscurece a visão da língua”, sendo a escritura um perigoso suplemento que distorce a ligação do sentido ao som. Para Saussure a consequência dessa (*im*)propriedade resulta no fato de que quanto menos a escritura representa o que deve representar, tanto mais se reforça a tendência de tomá-la por base; com isso os gramáticos se obstinam em chamar a atenção para a forma escrita (SAUSSURE, 2006, p. 40). Não é por outro motivo que Saussure se dedica a traçar os limites de atuação da escritura para, em seguida, expulsá-la de seu *Curso*.

Derrida observa que na linguística de Saussure a escritura é “culpada” por perverter a relação natural entre o sentido e o som (DERRIDA, 2008, p. 45). A escritura seria a dissimulação da presença natural, primeira e imediata à alma no *logos*. A escritura tenderia a romper o liame entre conceito e som que reside na palavra falada. É justamente essa perigosa condição da escritura que revela o liame natural do significado ao significante fônico e subordina a escritura à fala. Nesse sentido, como explica Geoffrey Bennington, o signo saussureano, ainda seria um signo que repetiria o gesto metafísico. Observe-se:

O conceito metafísico do signo assenta a distinção significante/significado sobre o fundamento dado pela distinção sensível/inteligível, mas trabalha para a redução dessa distinção em proveito do inteligível: ele reduz ou apaga portanto o signo, assentando-o de início como secundário (DERRIDA; BENNINGTON, 1994, p. 37).

De acordo com Derrida, a história da metafísica é a história de uma determinação do ser como presença, que inevitavelmente se confunde com logocentrismo. Sempre partindo da estrutura básica erigida por Aristóteles, a voz é o significante que está mais próximo do significado (conceito). A partir da união entre a voz e as disposições da alma, surge a própria noção de significante com seu caráter representativo e derivado. A proximidade absoluta da voz ao ser, da voz ao sentido do ser, da voz a idealidade do sentido demonstram a origem e o desenvolvimento do logocentrismo no pensamento ocidental (o que também não deixa de ser um fonocentrismo – privilégio da *phoné*).

Dito de outra maneira, o pensamento metafísico incessantemente concentrou esforços para afirmar a unidade essencial entre voz e sentido, concedendo, dessa forma, um privilégio à consciência e ao plano de inteligibilidade. É na consciência que se dá a representação de um objeto e, por meio dela, a possibilidade de “guardá-lo” e repeti-lo pela voz. Desse modo, a fala

permitiria a presença a si do objeto na consciência, tendo em vista sua ligação ao significado. Não por outro motivo os demais significantes, principalmente a escritura, seriam estritamente derivados quando comparados à voz. Nesse ponto consideramos ser de extrema importância transcrever a lição do filósofo franco-magrebino:

O entendimento infinito de Deus é o outro nome do *logos* como presença a si, de Descartes a Hegel e apesar de todas as diferenças que separam os diferentes lugares e momentos na estrutura desta época. Ora, o *logos* apenas pode ser infinito e presente a si, apenas pode produzir-se como auto-afeção, através da voz: ordem de significante pelo qual o sujeito sai de si em si, não toma fora de si o significante que ele emite e que o afeta ao mesmo tempo. Tal é pelo menos a experiência – ou consciência – da voz: ouvir-se-falar. Ela vive-se e diz-se como exclusão da escritura, a saber do apelo a um significante “exterior”, “sensível”, “espacial”, interrompendo a presença a si. (DERRIDA, 2008, p. 122).

A escritura, devido a sua materialidade, fica relegada ao plano exterior ao *logos*. A escritura, assim entendida, só deve ser utilizada como suplemento quando não for viável ou impossível empregar a fala – suporte “natural” do sentido. A escritura seria um recurso usado para tornar presente a fala, contudo, sabendo que com a escritura nos situamos fora da idealidade e do significado em seu aspecto mais “puro”.

Em *A farmácia de Platão* (DERRIDA, 2005), Derrida expõe com precisão o caráter de “uma técnica ruim” e dissimuladora da escritura, tal como concebida pela tradição, remontando, notadamente, a Platão:

A metáfora antropomórfica, e até mesmo animista, explica-se sem dúvida pelo fato de que o escrito é um *discurso* escrito (*lógos gegrámménos*). Enquanto vivo, o *lógos* provém de um pai. Não há, pois, para Platão coisa escrita. Há um *lógos* mais ou menos vivo, mais ou menos próximo a si. A escritura não é uma ordem de significação independente, é uma fala enfraquecida, de forma alguma uma coisa morta: um morto vivo, um morto em *sursis*, uma vida diferida, uma aparência de respiração; o fantasma, o espectro, o simulacro (*eídalon*, 276 a) do discurso vivo não é inanimado, não é insignificante, simplesmente ele significa pouco e sempre identicamente. Esse significante escasso, esse discurso sem grande responsável é como todos os espectros: errante. Ele vaga (*kulindeitai*) aqui e ali como alguém que não sabe aonde vai, tendo perdido a via reta, a boa direção, a regra de retidão, a norma; mas, também, como alguém que perdeu seus direitos, como um fora-da-lei, um desviado, um mau rapaz, um vagabundo ou um aventureiro. Correndo as ruas, ele não sabe nem mesmo quem ele é, qual é sua identidade, se é que tem uma, e um nome, aquele de seu pai. Ele repete a mesma coisa quando é interrogado em todos os cantos de rua, mas não sabe mais repetir sua origem. Não saber de onde se vem e para onde se vai, para um discurso sem responsável, é não saber falar, é o estado de infância. Ele próprio desenraizado, anônimo, sem laços com seu país e sua casa, esse significante quase insignificante está à disposição de todo mundo, igualmente dos competentes e dos incompetentes, daqueles que entendem e nele se entendem (*tois epaióusin*) e daqueles que não têm nenhum interesse nisso, e que, não conhecendo nada dele, podem afligi-lo com todas as impertinências. (DERRIDA, 2005. p. 96).

Ao conjunto de críticas que acabamos de elencar é preciso somar o fato de que a função derivada da escritura em Saussure resulta na inviabilidade de consecução de seu projeto inicial. Isso ocorre porque se o projeto saussureano consiste na elaboração de uma linguística geral,

então essa meta não será atingida enquanto persistir o conceito de escritura fonética, que reside, por sua característica, fora do âmbito da linguagem. Pela maneira que Saussure configura a posição topográfica da escritura, poderíamos dizer que:

o projeto saussuriano prossegue e realiza o projeto platônico-aristotélico de hierarquização e denúncia do perigo da escritura, no qual esta “será o fora, a representação exterior da linguagem e deste pensamento-som” e em que é necessário “crer que existe aqui um dentro da língua” (...) Em sua tentativa de proteger a qualquer custo o “dentro” da língua, Saussure acaba por desfazer-se, ou melhor, tentar desfazer-se, desqualificando o que ele acredita “fora” da língua (HADDOCK-LOBO, 2008, p. 89 e 90).

Em *Posições* (DERRIDA, 2001b), Derrida mais uma vez dá continuidade a sua leitura crítica da teoria de Saussure, enumerando alguns pontos que revelam a ligação do linguista ao pensamento metafísico ocidental. Num primeiro plano, Derrida observa que o avanço⁴⁹ alçando por Saussure inevitavelmente esbarra na própria limitação do conceito de signo. A dualidade que reside no interior do signo carrega todos os pressupostos da linguagem metafísica. Como o filósofo da desconstrução salienta “a língua da metafísica ocidental transporta não somente um número considerável de pressupostos de toda ordem, mas pressupostos inseparáveis e, por menos que se preste atenção, pressupostos que estão enredados em um sistema” (DERRIDA, 2001b, p. 25).

Desse modo, ao ter de se articular como conceito de signo, Saussure mantém a dicotomia interna do signo – *significado e significante* – abrindo a possibilidade de articulação com a ideia de um significado transcendental, o qual excederia a cadeia de signos, já ele próprio não remeteria a mais nenhum significante, não funcionando mais como um significante. Para Derrida, Saussure se mantém preso ao conceito de signo e devido as consequências inerentes ao uso desse conceito, nesse sentido, o linguista suíço restaria solidário a tradição metafísica.

A estrutura do conceito de signo também leva Saussure privilegiar a fala, chegando até mesmo a ressaltar um suposto liame natural entre o pensamento e a voz. Segundo Derrida, a *phoné* é a substância significante que se dá à consciência como aquilo que está mais intimamente ligado ao pensamento do conceito significado. A experiência do “falar-se a si

⁴⁹ Elencamos ao menos duas notas em que Derrida destaca os avanços promovidos por Saussure em relação à tradição. Derrida assevera que a semiologia tipo saussuriana tem tido um duplo papel: 1) ela enfatizou, contra a tradição, que o significado é inseparável do significante, que o significado e o significante são as duas faces de uma única e mesma produção. Derrida lembra que Saussure inclusive recusou-se expressamente a aproximar essa oposição ou essa “unidade de duas faces” às relações entre a alma e o corpo, como sempre se havia feito e 2) Ao sublinhar os caracteres diferencial e formal do funcionamento semiológico, ao de-substancializar ao mesmo tempo o conteúdo significado e a “substância de expressão” e ao fazer também da linguística uma simples divisão da semiologia geral. Saussure contribui, de maneira decisiva, para fazer voltar contra a tradição metafísica o conceito de signo que ele lhe havia tomado de empréstimo (DERRIDA, 2001b, p. 24).

mesmo” produz um “efeito de apagamento” do significante (*phoné*) para que o conceito se apresente ele mesmo, em sua presença a si. Derrida aponta essa experiência como um engodo do qual Saussure não consegue escapar e isso não poderia se passar de outra forma, uma vez que essa experiência fundamentou uma semiologia cujos conceitos e pressupostos fundamentais são muito precisamente identificáveis, de Platão a Husserl, passando por Aristóteles. Rousseau, Hegel etc. (DERRIDA, 2001b, p.28).

A consequência desse gesto impede o deslocamento da estrutura hierarquizante entre a idealidade do significado e a dimensão empírica que se expressa por meio da voz:

O conceito de signo (significante/significado) carrega em si mesmo a necessidade de privilegiar a substância fônica e de erigir a lingüística em “padrão” da semiologia. A *phoné* é, efetivamente, a substância significante que se dá à consciência como aquilo que está mais intimamente ligado ao pensamento do conceito significado. A voz é, desse ponto de vista, a consciência mesma. Quando falo, não apenas tenho a consciência de estar presente àquilo que penso, mas também de manter o mais próximo de meu pensamento ou do “conceito” um significante que não cai no mundo, que ouço tão logo o emito, que parece depender de minha pura e livre espontaneidade, que parece não exigir o uso de qualquer instrumento, de qualquer acessório, de qualquer força extraída do mundo. Não apenas o significante e o significado parecem se unir, mas, nessa confusão, o significante parece se apagar ou se tornar transparente, para deixar o conceito se apresentar ele próprio, como aquilo que é, não remetendo a nada mais do que à sua presença. A exterioridade do significante parece reduzida. Naturalmente, essa experiência é um engodo, mas um engodo em cima de cuja necessidade se organizou toda uma estrutura ou toda uma época. (DERRIDA, 2001b, p. 28).

O apagamento do significante de que fala Derrida só pode ser compreendido quando se restringe a noção de signo apenas ao signo fonético. Quando Saussure estipula que o signo lingüístico é uma entidade psíquica de duas faces, para Derrida, essa proposição, tomada em seu sentido mais rigoroso, dificilmente poderia ser estendida a todos os signos, sejam eles fonéticos ou não. Ademais, alerta Derrida, que somente quando o signo fonético é erigido a qualidade de modelo de todos os signos que a semiologia geral pode ser inscrita numa psicologia, como pretende Saussure. Logo, a estrutura do signo remete Saussure um psicologismo e a necessidade de transformar o signo fonético em padrão de sua Semiologia⁵⁰.

Outro ponto importante a ser destacado na leitura derridiana de Saussure é o princípio da arbitrariedade do signo. Em Saussure vimos que o signo lingüístico é arbitrário. Isso significa que o signo é imotivado, independentemente de qualquer relação exterior. O princípio da arbitrariedade supostamente deveria abranger toda a extensão do signo, impedindo a distinção entre signo lingüístico e não-lingüístico. Todavia, para Saussure, a tese da arbitrariedade só

⁵⁰ Por essa razão, Derrida aduz que a redução da exterioridade do significante implica na exclusão de tudo que não é psíquico. O filósofo da desconstrução ainda continua: Ora, apenas o privilégio concedido ao signo fonético e lingüístico pode autorizar a proposição de Saussure segundo a qual o "signo lingüístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces". Supondo que essa proposição tenha um sentido rigoroso em si mesma, será difícil ver como se poderia estendê-lo a todo signo, seja ele fonético-lingüístico ou não. É difícil, pois, ver, a menos precisamente que se faça do signo fonético o "padrão" de todos os signos, como se pode inscrever a semiologia geral em uma psicologia (DERRIDA, 2001b, p. 28).

encontraria espaço no interior de uma relação pretensamente natural entre a voz e o sentido em geral. Dito de outro modo, a arbitrariedade estaria subordinada à relação natural entre os significantes fônicos e os significados em geral.

A limitação da aplicabilidade da arbitrariedade do signo é para Derrida um equívoco na teoria de Saussure. Como expõe Derrida na *Gramatologia*, ao considerar a totalidade dos signos, sejam eles falados ou não, bem como a imotivação que lhes é inerente, não caberia entre eles qualquer hierarquia ou subordinação natural. A ideia de um liame natural entre sentido e voz contradiz a tese da arbitrariedade do signo e consolida a subordinação da escritura à fala.

Com a dissolução da hierarquia imposta pelo liame natural do som, libera-se um campo para o surgimento da noção de escritura, por conseguinte, a possibilidade de desconstrução da presença de um significado transcendental como origem absoluta do sentido. Isso porque, como salienta Derrida:

Se “escritura” significa inscrição e primeiramente instituição durável de um signo (e é este o único núcleo irreduzível do conceito de escritura), a escritura em geral abrange todo o campo dos signos linguísticos. (...) A ideia mesma de instituição – logo, do arbitrário do signo – é impensável antes da possibilidade da escritura e fora do seu horizonte. Isto é, simplesmente fora do próprio horizonte, fora do mundo como espaço de inscrição, abertura para a emissão e distribuição espacial dos signos, para o jogo regrado de suas diferenças, mesmo que fossem “fônicas”. (DERRIDA, 2008, p. 122).

Para finalizar, relembramos que nossa intenção foi de apenas articular alguns pontos da extensa crítica de Derrida a semiologia saussureana. Com isso, acreditamos ter demonstrado como a teoria do signo de Saussure se desliga em determinados momentos da tradição metafísica. Com sua leitura, Derrida agrava o movimento iniciado por Saussure, invertendo a submissão da escritura à fala, descolando a escritura para um novo registro no qual ela reaparecerá como um encadeamento de *rastros* entendido como jogo de referencialização.

Conclusão

O presente trabalho procurou elucidar algumas linhas críticas da leitura efetuada por Jacques Derrida acerca da teoria dos signos, esboçada por Saussure no *Curso de Linguística Geral*. Entendemos que essa leitura será de extrema importância para o pensamento da desconstrução, pois ela, ainda que ligada a uma operação relativa à arquitetura dos conceitos da metafísica ocidental, não busca uma experiência originária. Contudo, a desconstrução procura apontar que o discurso metafísico é constituído por pares conceituais (essência/aparência, ser/devir, sujeito/objeto, etc.) dispostos hierarquicamente e, dentro de um contexto mais afirmativo, visa descolar o registro discursivo para além dessas oposições binárias.

A necessidade de deslocamento da linguagem tradicional surge quando o estruturalismo está completamente influenciado por uma linguística de modelo saussureano. Com esse movimento, Derrida aponta para aparição da escritura fator de desestabilização das estruturas da linguagem, liberando a passagem para o acontecimento daquilo que até então era reprimido pela linguagem. Com o acontecimento da escritura derridiana, conceito tradicional de linguagem, notadamente metafísico, deve dar lugar ao que se convencionou chamar de *escritura*⁵¹ (*écriture*).

Na concepção tradicional de linguagem, a *escritura* seria apenas um significante que atuaria como mero suplemento da fala – *phoné*; significante privilegiado, pois se relacionaria imediatamente com o significado, constituindo mesmo uma unidade (*logos* – essência da linguagem – unidade de voz e sentido). Por essa razão Derrida acusa a metafísica de ser *fonologocêntrica*, modo de ser segundo o qual, em que pese os mais vigorosos esforços, a semiologia de Saussure não pode ultrapassar.

Num contexto que excederia a linguagem, a *escritura* rompe com a ideia de um significado em si (que estaria fora de um sistema linguístico-conceitual) de modo que os significantes não mais teriam a função de se remeterem a um sentido já previamente existente.

Assim sendo, a “lógica” da escritura pode ser descrita da seguinte forma: *i*) não há possibilidade de existência de um significado transcendental, *ii*) fala e escrita como significantes só podem ser encarados como unidades de significação quando cotejados com outros significantes no interior de um conjunto linguístico.

Isso nos conduz a conclusão de que se não há significante em si, muito menos significado em si, todo o sistema funciona em regime de *diferencialidade*. Diferença aqui não consiste no confronto de coisas existentes em si mesmas, pois agora o que é primeiro não são as coisas em si (significantes ou significados em si), mas um jogo de significantes, onde presença-ausência, e a própria ideia de significado, só podem aparecer como efeitos do jogo.

⁵¹ Nas palavras de Derrida: “deixando de designar a película exterior, o duplo inconsciente de um significante maior, o significante do significante – o conceito de escritura começava a ultrapassar a extensão da linguagem. Em todos os sentidos desta palavra, a escritura compreenderia a linguagem. Não que a palavra “escritura” deixe de designar o significante do significante, mas aparece, sob uma luz estranha, que o “significante do significante” não mais define a reduplicação acidental e a secundariedade decaída. “Significante do significante” descreve, ao contrário, o movimento da linguagem: na origem, certamente, mas já se presente que uma origem, cuja estrutura se soletra como “significante do significante”, arrebatada-se e apaga-se a si mesma na própria produção. O significado funciona aí desde sempre como um significante. A secundariedade, que se acreditava poder reservar à escritura, afeta todo significado em geral, afeta-o desde sempre, isto é, desde o início do jogo. (DERRIDA, 2008, p. 8).

No registro da leitura desconstrutora de Derrida, a cena da escritura ultrapassa a extensão da linguagem e aponta para o movimento do jogo de significantes. Na forma do jogo somente podemos pensar em termos substrato, essência e origem como efeito. Na escritura temos apenas o movimento do jogo e seus efeitos; ou dizendo de maneira metafórica a partir das lições do filósofo Marcelo Moraes (2020), na *escritura o jogo é jogado*.

Bibliografia

ARAÚJO, Inês Lacerda. *Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola, 2004.

ARISTÓTELES. *Da Interpretação*. Tradução José Veríssimo Teixeira da Mata. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. Tradução de Rogério da Costa. São Paulo: Editora Iluminuras, 2005.

_____. *Gramatologia*. Tradução de Miriam Shneiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

_____.; BENNINGTON, Geoffrey. *Jacques Derrida*. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994

_____. *Mal de Arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução de Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001^a.

_____. *Margens da Filosofia*. Tradução de Joaquim Torres Costa. São Paulo: Editora Papirus, 1991.

_____. *Posições*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2001b.

DUQUE-ESTRADA, Paulo César. *Derrida e a escritura*. In: *As Margens: A Propósito de Derrida*. Paulo Cesar Duque-Estrada (Org). Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Editora Loyola, 2002.

HADDOCK-LOBO, Rafael. *Derrida e o Labirinto de Inscricões*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2008.

103

MORAES, MARCELO JOSÉ DERZI. *Becos, ruas, marquises e esquinas*. In: Marcelo José Derzi Moraes; Fábio Borges-Rosario; Rafael Haddock-Lobo. (Org.). *Encruzilhadas Filosóficas*. 01ed. Rio de Janeiro: Ape'ku, 2020, v. 01, p. 62-80.

SANTIAGO, Silvano. *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: Francisco A. Editora, 1976.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

SOLIS, Dirce Eleonora Nigro. *Arquitetura da desconstrução e desconstrução em arquitetura*. Rio de Janeiro: Editora UAPÊ, 2009.